

1º de Junho de 1950

MEIO DE SEMANA

As companhias de transportes aéreos deveriam oferecer aos seus passageiros, no momento do embarque, uns impressos contendo aquele poema de Carlos Drummond de Andrade, *A Morte no avião*. Para custear essa distribuição poderiam fazer assim como nos programas de teatro, com variados anúncios nas margens. A vantagem desse procedimento, é claro, seria toda de ordem moral. Só os homens fortes e de reduzida imaginação embarcariam, e no caso de acidente fatal, sempre tão incerto e não sabido de antemão, poderíamos afirmar que os bonecos mutilados e irreconhecíveis estavam de acordo com a possibilidade que os eliminou do nosso convívio, por mero acidente, sempre possível no mais modesto dos vôos.

O poema é implacável em suas minúcias. O homem desperta e não sabe que vai morrer. Não sabe que esse é o seu último dia. Barbeia-se cuidadosamente. Sai para a rua com a consciência no meio de tantos papéis que ainda tem que deixar em dia. Telefona. Passa pelo escritório. Sai novamente. Se interessa por um mundo de coisas que amanhã terão perdido qualquer significação para o fantasma. Negócios. As últimas palavras sobre os últimos negócios. O homem caminha de branco, leve e aerodinâmico, entra no *hall* do banco, assina as últimas palavras do seu comércio. Coisas que vão erguer depois pequenos momentos nos Estados Unidos, em Cuba, no Pará. Janta. O homem que vai morrer e não sabe, atravessa o último banho, a última água de colônia, o aroma do definitivo sabonete. Janta no restaurante com ar condicionado, fez as unhas, mastiga um peito de peru ou um flanco de peixe, degusta o último vinho pensando que a vida é feliz e vale a pena de ser continuada, assim como é e naturalmente continuará a ser. Seu último sono para pescar o último sonho e na madrugada, entre silêncios, a ligeira pressa, o cheiro de couro novo da valise, pelo jardim úmido alguém desliza e faz soar a campainha, o automóvel que avisa a espera no suor da aurora. As lâmpadas morrendo atrás do homem que parte. A

cidade adormecida onde os arranha-céus abrem pupilas insones. O último café do aeroporto, o último café bem quente, e vai partir, pois amanhã, aquele negócio... todas as urgências da vida se aglomeram na fria estrela da aurora. A última que vai vê-lo subir, planar assim, entre a cinza da terra e a cegueira da noite. A voz sempre inesperada no megafone. Passageiros para... Boa viagem. O homem que vai morrer atravessa entre mármore e placas metálicas. Caminha ao longo do momento da noite até a porta do conforto. Entra no seio da morte e não sabe. As poltronas macias, se amarrando com o cinto. O desejo de fumar. *Não fumem, apertem os cintos.* Tudo palpita na unidade impossível dessa vida metálica, entre tufões motorizados. Vai, vai veloz, se desprende e ninguém sente, voa mais alto, acima, ainda mais, e o homem confortável desliza entre nuvens, acima das nuvens, contra o vapor cor de rosa da madrugada entreaberta. A perfeita segurança sobre o abismo. A perfeita. E subitamente, parece um choque entre constelações, o momento explosivo, qualquer coisa que... perdendo altura, agora! Ele cai verticalmente e se transforma em notícia, como escreve o poeta na tranqüilidade de sua poltrona em terra firme.